



Resenha

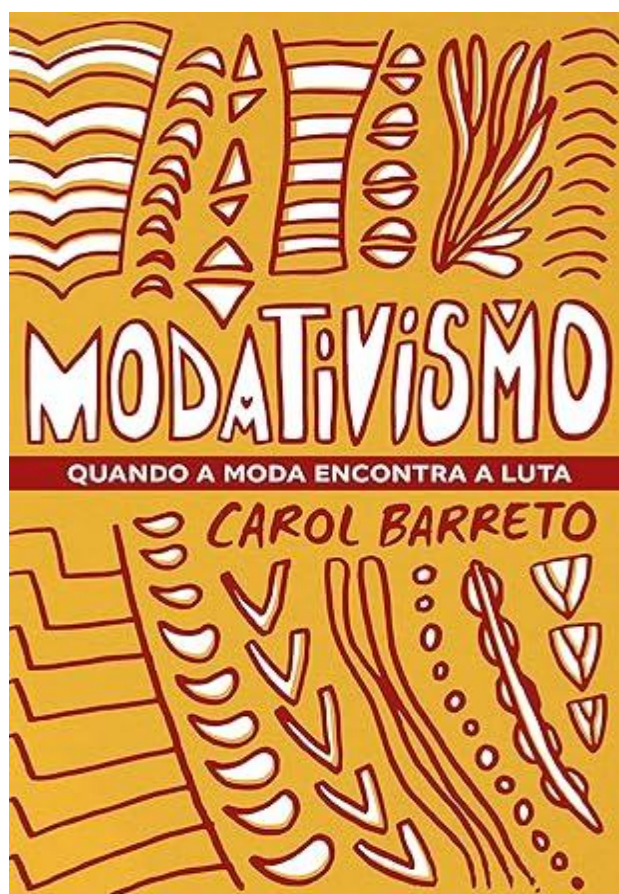
DOI: <https://doi.org/10.22484/2177-5788.2026v52id6134>

ENTRE VESTES E RESISTÊNCIAS: SIGNOS, RAÇA E PRODUÇÃO DE SENTIDO

Paulo Antonio de Sousa Marquêz¹

E-mail: paulomarquez.rp@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9279-1713>



BARRETO, Carol. **Modativismo**: quando a moda encontra a luta. São Paulo: Paralela, 2024. 144 p.

¹ Universidade de Sorocaba (Uniso). Sorocaba, Sp, Brasil.

Há roupas que cobrem o corpo. Outras revelam estruturas invisíveis que organizam a vida social. Quando se observa com atenção o que parece apenas tecido, modelagem ou tendência, começam a aparecer marcas de hierarquia, exclusão e pertencimento. É a partir desse deslocamento que *Modativismo: quando a moda encontra a luta* propõe uma reflexão que ultrapassa o campo estético e alcança o terreno político e epistêmico da moda.

Logo na parte introdutória, assumida como manifesto, a obra apresenta a trajetória de uma designer, pesquisadora e ativista, Carol Barreto, que transforma experiência em formulação conceitual. Publicado em um contexto de intensificação dos debates sobre raça, representatividade e produção de conhecimento situado, o livro discute o lugar central da moda nos processos de autorreconhecimento de mulheres negras e na disputa por imagens mais justas e plurais. Desde as primeiras páginas, fica evidente que não se trata apenas de narrar uma vivência, mas de reivindicar a moda como campo legítimo de produção de conhecimento.

Ainda na introdução, o conceito de modativismo organiza essa proposta. A ideia nasce da necessidade de nomear uma prática que articula criação, ativismo e reflexão crítica. Não é apenas usar a moda como instrumento de militância, mas repensar a própria lógica do vestir, da produção e da representação. Ao cunhar o termo, a autora desloca a moda do campo restrito do consumo e a posiciona como sistema de signos que organiza hierarquias sociais. Tecidos, cortes, cabelos, passarelas e indumentárias religiosas passam a ser compreendidos como dispositivos de produção de sentido.

No primeiro capítulo, dedicado à (des)construção da imagem da mulher negra, o vestir deixa de ser gesto individual e se revela ato político. A transição capilar, por exemplo, é narrada como processo estético e, ao mesmo tempo, como ruptura com um padrão que associa branquitude à ideia de humanidade. A passarela deixa de ser apenas espaço de exibição e se torna espaço de enunciação. A indumentária do candomblé, também analisada nesse percurso, não é tratada como folclore ou exotismo, mas como arquivo vivo de resistência, marcado por negociações históricas e reinvenções culturais.

No segundo capítulo, ao discutir a tensão entre adequar-se e vestir-se, o modativismo deixa de ser apenas experiência vivida e se consolida como categoria analítica situada. Ao refletir sobre o que significa “vestir-se”, em oposição a apenas se adequar, a autora propõe uma mudança de perspectiva. Vestir-se é revestir-se de significados, acionar ancestralidade, disputar narrativas. A roupa deixa de ser ornamento e passa a ser ação.

Ainda nesse segundo capítulo, um dos aspectos mais consistentes da obra aparece na análise da moda como tecnologia social. Ao discutir a tabela antropométrica utilizada pela indústria, a autora evidencia que a padronização de tamanhos não é neutra. O que se apresenta como racionalização produtiva revela-se mecanismo de exclusão. A grade de tamanhos P, M e G funciona como linguagem silenciosa que define quais corpos são considerados normais e quais são empurrados para a margem.

No terceiro capítulo, ao tratar das práticas do modativismo e do exercício da moda no Brasil, o padrão hegemônico de beleza é analisado como regime semiótico que associa magreza, branquitude e sucesso. A modelagem, a escolha das modelos, a estética valorizada nas passarelas, tudo isso compõe um sistema de significação que legitima determinados corpos como referência de humanidade. Ao expor esses processos, o livro mostra que a moda é um campo onde se materializam disputas por reconhecimento.

Também ao longo dessas reflexões, especialmente quando retorna às experiências com indumentárias religiosas e circulação internacional de coleções, a análise das vestes do candomblé amplia a compreensão dos signos da moda. Ao reconhecer a presença de marcas coloniais nas indumentárias, a autora demonstra que tradição e resistência coexistem com negociações históricas complexas. A roupa torna-se espaço de memória, mas também de reinvenção. O signo nunca é puro. Ele carrega camadas de sentido acumuladas ao longo do tempo.

Ainda nesse percurso, a discussão sobre passabilidade branca como estratégia de sobrevivência estética reforça a dimensão política da aparência. Adequar-se ao padrão dominante aparece como resposta a um sistema que associa imagem a acesso a direitos. Nesse contexto, a moda revela sua dimensão estrutural. Não se trata apenas de gosto ou tendência, mas de condições concretas de existência.

Como manifesto, a obra possui forte carga ensaística. Essa característica atravessa todos os capítulos. A escrita é confessional, direta e situada. Essa escolha não fragiliza o argumento. Ao contrário, reforça a coerência entre forma e conteúdo. A produção de conhecimento é assumida a partir de um lugar específico, e essa localização é parte constitutiva da proposta. A principal contribuição do livro está na formulação do modativismo como ferramenta conceitual que articula criação artística, crítica social e produção de sentido.

Do ponto de vista acadêmico, pode-se observar que algumas reflexões poderiam ser desenvolvidas em diálogo mais sistemático com referenciais teóricos consolidados, sobretudo nos momentos em que categorias como raça, gênero e tecnologia social são mobilizadas. A ausência de maior detalhamento metodológico não compromete a força do texto, mas evidencia sua natureza ensaística. Ainda assim, essa característica é coerente com o projeto da obra, que se apresenta como gesto político e epistemológico.

O que o livro desloca, ao longo de suas três partes, é a própria compreensão da moda como fenômeno social. Ao revelar que tecidos, cortes e padrões são atravessados por raça, gênero e classe, a obra reposiciona a moda como linguagem política. Desnaturaliza padrões de beleza e evidencia que a produção estética está profundamente ligada à produção de mundos possíveis.

Ao propor o modativismo, o livro amplia o debate sobre moda afro-brasileira como produção de conhecimento e como prática de resistência. A moda deixa de ser apenas vitrine e passa a ser arena. Entre vestes e resistências, a obra mostra que vestir é também significar. E que disputar significados é disputar futuros.

Trata-se de uma leitura especialmente relevante para estudantes e pesquisadores de moda, comunicação e cultura, mas também para profissionais da indústria criativa, educadores e gestores culturais. O livro interessa a quem deseja compreender como estética e poder se entrelaçam na vida cotidiana e como o vestir pode ser ato de afirmação ou de silenciamento. Mais do que discutir roupas, a obra convida o leitor a refletir sobre os sentidos que carregamos no corpo e sobre as narrativas que escolhemos produzir a partir dele.